

PALAVRAS DO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES, GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES, NO DIA 9 DE ABRIL DE 2017, DIA DO COMBATENTE, 99º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE LA LYS E 81ª ROMAGEM AO TÚMULO DO SOLDADO DESCONHECIDO - BATALHA

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional, Dr. José Alberto Azeredo Lopes

Excelência

Decidiu V. Exa. estar connosco neste Dia do Combatente em que para além de evocarmos, como todos os anos, o 9 de Abril, data da Batalha de La Lys, evocamos o Centenário da entrada do Corpo Expedicionário Português na Grande Guerra, no centro da Europa.

Com a sua presença sublinha Va Exa a longínqua institucionalização deste Dia Nacional do Combatente, tal como o fizeram seus antecessores, membros do governo, chefes militares e combatentes, desde há quase um século, neste santuário, verdadeiro símbolo da independência da Pátria portuguesa e do sacrifício dos seus maiores. Ao mais alto responsável pela política da defesa nacional agradecemos sensibilizados a sua presença, neste dia que pretendemos festivo e evocativo. Na pessoa de V. Exa. renovamos a nossa esperança de continuar a ver resolvidos muitos dos problemas que afetam os combatentes e suas famílias.

Exmos. Senhores Chefes do Estado-maior da Força Aérea, Chefe de Estado-maior do Exército e VICEM da Armada em representação do Chefe de Estado-maior da Armada, agradeço a presença e o apoio institucional que sempre temos recebido, nas mais variadas vertentes. Convosco entre nós sentimos a presença de todos os militares e marinheiros que ao serviço das Forças Armadas têm garantido nas atuais circunstâncias um Portugal livre e independente.

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal da Batalha

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Batalha

Exmos Senhores Presidentes das Câmaras Municipais de Estremoz, Montijo, Macedo de Cavaleiros e Foz Coa

Exmos. Senhores Generais, Almirantes e Diretores-gerais

Exmo. Senhor Bispo das FA e FS Excelência Reverendíssima

Exmo. Senhor Diretor do Mosteiro Da Batalha

Exmos. Membros do Conselho Supremo e da Direção Central da LC

Exmo. Senhor Vice-presidente da Cruz Vermelha

Exmos. Senhores Adidos de Defesa de Países Amigos

Exmos. Senhor Presidente da ADFA e das Associações de Combatentes presentes

Exmos Senhores Representantes da Souvenir Français e da British Legion

Exmos. Presidentes dos Núcleos da Liga dos Combatentes

Caros Combatentes e Famílias

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Hoje é dia do Combatente por Portugal. Dia em que se evocam aqueles que foram atores das situações mais difíceis e dramáticas da história dos povos e naturalmente da história

de Portugal. Evocamos especialmente a entrada de Portugal na Grande Guerra, no centro da Europa, há precisamente um século. Mas o conceito de Combatente por Portugal é um conceito profundo, abrangente e informador da própria História do país. Muitos dos que aqui se encontram hoje, foram e são combatentes por Portugal. Mas não foram os únicos, como por vezes alguns parecem fazer crer, nem serão certamente os últimos. Neste lugar da Batalha, se irmanam dois conceitos, dos quais resultaram o aprofundamento de uma identidade. O conceito de combatente e o conceito de independência, dos quais emanou o aprofundamento da identidade de Portugal.

Por essa razão, evocamos também hoje, os que caíram e se bateram em Ourique, ou na conquista de Lisboa, de Leiria, de Alcácer do Sal, de Évora, Beja e Silves, ou no percalço de Badajoz, no séc. XII. Os que estiveram no início da conquista do Algarve, na fixação das fronteiras de Portugal com Castela, no séc. XIII. Dos que se bateram e caíram, na batalha do Salado, na primeira, segunda e terceira guerra com Castela, na Batalha dos Atoleiros, na Batalha do Trancoso, na batalha de Aljubarrota, na Batalha de Valverde ou no início da construção deste Mosteiro, no séc. XIV. Dos que se bateram por Portugal na conquista de Ceuta, na descoberta do Porto Santo e da Madeira. Dos Açores, de Cabo Verde, da chegada à Foz do Zaire, da batalha de Alfarrobeira, da passagem do Cabo das Tormentas, da chegada de Vasco da Gama à Índia, no séc. XV. Dos que conquistaram Ormuz, Goa, Malaca e Azamor, chegaram a Macau e Timor e se bateram ou caíram em Alcácer Quibir, nas expedições a África, na Batalha de Alcântara ou na derrota da Armada Invencível, no séc. XVI.

Ou ainda nos ataques dos holandeses a Moçambique, e a Ceilão, na expulsão de Portugal do Japão e da Etiópia, nos combates no Brasil contra os holandeses, na Baía, Olinda ou Recife, ou na reconquista de S. Tome e Angola aos Holandeses, no séc. XVII. Ou nos finais do século XVIII no envolvimento nas guerras revolucionárias e depois nas guerras imperiais da França com a Inglaterra e frente a três invasões francesas, com as batalhas da Roliça, Vimeiro, Buçaco e Linhas de Torres ou na guerra Civil, no séc. XIX. E os que viveram e sofreram as vicissitudes da primeira República, da primeira e segunda guerra mundiais e a guerra do ultramar no séc. XX. Ou finalmente os que em operações de paz e humanitárias deram a sua vida, já no séc. XXI.

Síntese histórica de uma luta secular permanente, em conflitos de alta intensidade, para garantir a formação, a existência, a identidade, a independência, o reconhecimento, a sobrevivência ou a unidade de Portugal. Nela, a presença permanente do fator militar organizado e a quem normalmente se pediu mais e se deu menos, do que a missão exigia. A análise isolada do fator histórico revela-nos claramente, o emprego sistemático de Forças Armadas, em todos os séculos da História de Portugal e por isso ser elevada a probabilidade de ao longo deste século XXI, vir a ser exigido às Forças Armadas a intervenção em conflito aberto, para a defesa dos interesses superiores do país. Nessa estrutura organizada, ao longo da história, de acordo com as circunstâncias e os meios técnicos e conhecimentos existentes, hoje conhecidas por Forças Armadas, distinguiram-se sempre três figuras humanas estruturantes: o soldado, o sargento e o capitão. Curvamo-nos perante os feitos por eles praticados nas vitórias e nas derrotas. Mas permitam-me que sublinhe hoje, o capitão. Esse que é responsável pela frase mais vezes pronunciada e com mais carinho, em todos os Exércitos. Esses a quem, quer o soldado quer o sargento tratam afetivamente por "meu capitão", por "nosso capitão" ou pelo "senhor capitão". Esse que está no imaginário dos portugueses desde os capitães-mor,

aos capitães como Mouzinho de Albuquerque ou aos Capitães de Abril. Sabemos também nós combatentes da guerra do ultramar, o que significava ser capitão, ser comandante de Companhia. Escalão, coluna dorsal, dos exércitos, nomeadamente em guerra subversiva, como a que travámos em África, durante catorze anos. Isso mesmo sublinha o Coronel Acabado, no seu último livro da Coleção Fim do Império, sob o título Histórias de uma Bala Só, cito:

*«Num ambiente de expectativas o capitão tinha de gerir a emotividade dos seus homens. Ele tinha que conhecer-lhes o estado anímico e psicológico, pois isso tinha reflexos no comportamento operacional da companhia, (cerca de 150 homens). Além de chefe militar, responsável por uma área cuja extensão era muitas vezes inimaginável e cuja segurança lhe estava atribuída, ele tinha também a seu cargo, assessorado por um sargento, não só a parte logística, como a financeira da companhia. Isso implicava uma gestão cuidadosa, de responsabilidade só comparável à de gestor de uma grande empresa. Para além de tudo isso ele tinha que ser psicólogo que conhecia até onde poderia levar a resistência moral e física de cada um dos seus subordinados. Da justeza dessa análise, dependia em grande medida a vida dos seus homens. Um capitão do exército português, durante a longa guerra que travámos em África, um jovem com pouco mais de vinte anos e menos de trinta, tinha já desempenhado funções cuja responsabilidade não havia equivalência em qualquer outro cargo, tanto civil como militar. A essa geração de oficiais, ficará para sempre devedora uma Pátria que jamais poderá pagar-lhes tamanho sacrifício».*

Por alguma razão Camões afirmou *«que não houve capitão que não fosse também douto e ciente»* divisa o ate há pouco o Instituto de Altos Estudos Militares incorporou. Mas se o capitão é esse verdadeiro condutor de homens ele é também o espelho da situação vivida pelos homens que comanda. Em a 2ª Divisão Portuguesa na Batalha de La Lys, do Major Vasco de Carvalho, livro recentemente reeditado pela Liga dos Combatentes, pode ler-se algo de dramático que confirma aquela afirmação e ocorreu neste dia, 9 de Abril, a esta hora, há precisamente 99 anos:

*«A essa hora a linha B já não existia, é certo, como linha de defesa, porque o inimigo poderoso e bem protegido pela enorme massa da sua artilharia no-la tinha já arrebatado aniquilando as nossas tropas da 1ª linha... .Pelas 11h 30 entrava no quartel general de Letrem o capitão Queiroz, de Infantaria 8, que comandava em Fauquisart uma companhia em primeira linha. Roto, ferido, enegrecido o rosto, respiração ofegante, completamente fora de si, quase enlouquecido pela batalha, ele era ali perante todos nós a demonstração clara do grau de sofrimento físico e moral em que estava a nossa gente».*

Imagem simples mas fotográfica do que aconteceu há precisamente 99 anos, numa frente de combate europeia, dramática para o mundo, e indescritível para as tropas portuguesas sem recursos em pessoal e material na frente e com posições contraditórias e sem apoios da retaguarda. Haviam começado a desembarcar, a 2 de Fevereiro de 1917, em Brest, as primeiras forças do CEP e a 4ª missão militar preparava a deslocação para Moçambique.

A de Abril de 1917 entrava em linha a primeira unidade portuguesa, dois meses depois de ter chegado a França. Nesse mesmo dia era morto o primeiro militar português, António Gonçalves Curado. No mês seguinte tínhamos sofrido os três primeiros prisioneiros a que se seguiram as primeiras tropas afetadas por gases de guerra. Só em Setembro se acabou

de completar a entrada da 1ª divisão no sector do Corpo do Exército Britânico, de Ferme du Bois, New Chapelle, Fauquisart, com a 2ª Divisão em reserva.

Em Novembro era executado o soldado João Ferreira de Almeida, hoje sepultado em Richebourg, França, ao lado dos seus 1,830 camaradas, e que aguarda o deferimento de uma proposta da Liga dos Combatentes, feita há três anos, para que seja efetivamente reconhecido o seu perdão. A evocação do Centenário da Grande Guerra ficaria incompleta se essa proposta que segundo julgamos saber, se encontrava na Assembleia da República não tiver o seguimento proposto. Resta-nos honrar a memória e homenagearmos, como fazemos hoje, esses soldados, esses sargentos e esses capitães de sempre e todos aqueles que serviram e servem Portugal nas suas Forças Armadas e Forças de Segurança.

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional, Excelência.

A Liga dos Combatentes tem por tradição no dia do Armistício e Dia da Liga dos Combatentes distinguir alguns dos seus apoiantes e servidores. Não o fez no passado dia 11 de Novembro dado que S. Exa o Presidente da República decidiu distinguir a Liga dos Combatentes com o Título de Membro Honorário da Ordem do Mérito. Esse foi para nós um ato único de distinção. Vamos fazer hoje o que então estava planeado, mas não ocorreu para darmos então total relevo e importância ao ato de condecoração da Liga dos Combatentes. Distinguiremos com a medalha de Honra ao Mérito, grau ouro, os senhores:

- Presidente da Câmara de Estremoz Dr. Luís Filipe Pereira Mourinha, pelo apoio concedido à Liga dos Combatentes em especial na cedência do terreno e apoio direto à nossa nova Residência Sénior São Nuno de Santa Maria em Estremoz, já em pleno funcionamento.
- Presidente da Câmara Municipal do Montijo, Eng.º Nuno Ribeiro Canta, pelo apoio concedido à Liga dos Combatentes, quer na construção de um significativo e muito digno Monumento de Homenagem aos Combatentes quer na cedência de instalações dignas para a sede do Núcleo do Montijo, resolvendo uma carência que há anos se arrastava.
- Presidente da Câmara de Macedo de Cavaleiros, Dr. Manuel Duarte Fernandes Moreno, pelo apoio concedido ao Núcleo da Liga e por ter decidido transformar um amplo espaço, no centro da cidade, em Praça do Combatente, tendo-a transformado num gigantesco Monumento de Homenagem aos Combatentes de Portugal enriquecendo com ele a geografia humana da cidade.
- Presidente da Câmara de Foz Coa, Eng.º Gustavo de Sousa Duarte, pelo permanente apoio ao Núcleo daquela cidade e por ter decidido construir monumentos de homenagem aos combatentes, em todas as freguesias do concelho, no total de catorze monumentos, erguidos com materiais característicos da região. Igualmente serão agraciados com a Medalha da Defesa Nacional, 1ª e 2ª Classe três dirigentes e com a medalha de Honra ao Mérito sete dirigentes da Liga dos Combatentes.

Minhas senhoras e meus senhores

Não quero terminar sem assinalar que há precisamente 99 anos, no meio de uma situação política fluida, inconsistente, conflituosa e dramática, milhares de portugueses, mobilizados e mal fardados, mal treinados e mal equipados, tendo que receber instrução no campo de batalha e tendo que aí receber o armamento e munições para combater, muitos analfabetos, integrados em unidades que demoraram meses a chegar ao local de destino, em país falando o francês e servindo integrados num exército falando inglês, sem reforços, sem apoio da retaguarda, viveram, bem como suas famílias, momentos dramáticos, com epílogo em 9 de Abril de 1918. Momentos de recusa para alguns, momentos heroicos para muitos, que ou se bateram e caíram mortos, feridos ou prisioneiros ou regressaram a maior parte a necessitarem de apoio social e à sua saúde debilitada ou tocada para sempre.

A Liga dos Combatentes é oriunda desse ambiente de holocausto nacional e europeu. É nessa derrota tática e nessa vitória estratégica, que nos garantiria o reforço da nossa identidade como Nação, que a Liga dos Combatentes vai alicerçar as suas raízes de promoção do amor à Pátria, prática da solidariedade e do apoio mútuo e contribuição para a Paz e Segurança nacional e no mundo. Por isso aqui estamos, mais uma vez, com as associações de combatentes que conosco quiseram evocar os combatentes por Portugal neste dia em que evocando os mortos, continuamos lutando pela dignidade dos vivos e pela resolução dos seus problemas que termino evocando num poema, os que se bateram e os que caíram na Grande Guerra. Dei-lhe por título :

### **EVOCAÇÃO**

Centenário memo do sofrimento  
Holocausto de vidas derradeiras  
Horror e dor ocupam o pensamento  
Vivificam os heróis das trincheiras.

Oh milhões de mortos desconhecidos,  
Oh soldado Milhões mistificado,  
Contrastes de heroísmos esquecidos,  
Valores ainda hoje justificados.

Soldado, homem morte, homem lama,  
Confronto entre a coragem e o medo,  
No buraco que te deu vida e cama,  
E de manhã o caminho do degredo.

Desprezo da morte e do sofrimento,  
Magala transformado em gigante,  
Herói das circunstâncias do momento,  
Logo esquecido pelo poder mandante.

Cem anos depois nós vos evocamos,  
Nós combatentes de outras guerras e frentes,  
Sobre os vossos túmulos nos curvamos  
Deixando cair uma lágrima quente.